

RAIMUNDO OSWALD BARROSO

MERCADO



M E R C A D O

No mercado mais central
de vinte e cinco turistas,
tem duzentos locatários
e quatrocentos artistas.
Setecentos vendedores,
mil e trezentos credores,
atacando a varejista.

Tem vinte e cinco senhores
e vinte e cinco senhoras.
que vendem, compram e colhem.
os frutos que bem escolhe

De resto, só tem permuta
de farelo e de labuta
no apertado da hora,
no lusco-fusco da lida,
no ruge-ruge da luta,
no entrechoque da vida.

Por força desta disputa,
tem palhaço e cantador,
ambulante ou camelô.
E tem o rapa que raspa
o ponto por onde passa.

(2)

Tem noventa prostitutas
e cento e cinco mendigos,
interrados por gatunos
e por meninos perdidos.
Tem dezenas de falsários
e quase nenhum otário
Tudo gente competente
quase tudo concorrente
nesse comércio falido.

Vendo céu, corpo e consolo,
vendo copo, carta e cachaça,
por uma migalha do bolo,
por uma miragem da praça.

Dou o risco da minha vida
por um anel de doutor
Cinquenta horas de fio
pela atenção do senhor

Dou o barro do meu dia
por três mil réis de favor.
Essa luz que me alumia
pelo prazer que te dou.

Dou a força do meu braço
por um pedaço de sol.
Dou a isca e o anzol
por uma cabeça de peix

(3)

Eu só quero que me deixe
disputar nesta partida.
Levar algum de vencida
pra me manter neste campo.

Eu não preciso de tanto,
só de um pouco de comida
e de uma faca cortante
que a dura morte espante
e rasgue o seio da vida.

Só não vendo esta vontade
a ferro e fogo mantida

Mercado: palco e picadeiro,
arena sem touro ou toareiro,
luta sem eira nem beira
por esta vida rasteira.

Do lado avesso

No chão áspero desta cidade
sinto o rastro da terra seca,
caminhos de bol e de algodão.
Meus olhos gastos incandescidos
e meu costado curtido
testemunham este clarão
desta cidade cortante
e deste vento cantante,
cercado de sol e sertão.

Na beirada do deserto,
ao sopro do mar aberto,
um casario caiado.
O cansaço causticante
de um labutar incessante
no couro cru e cortado.

Se não fôra alguma brisa,
que os quatro ventos alisa,
eu não podia morar
neste mormaço de areia,
neste pedaço de peia
aonde eu fui apertar.

Caminhos que de sol carregados
começam além destas serras
e se aloitam no mar.
Caminhos que de sal adubados
fenecem nas frouxas terras
de farol e lagamar:
Aonde um outro caminho
por onde eu possa trilhar?

(5)

Tudo são fios onde eu desfilo
o emaranhado deste bordado.
Como um abraço, tudo são passes
um só caminho de muitos laços.

Tem um atalho que dá na vida
um espantalho pela avenida,
que ainda é morro ou alagado,
que ainda é mangue ou descampado.

Minha mão de forja e fornalha,
tecendo a trama trabalha,
roendo o drama se espalha,
num taboleiro impreciso.
Traço trilho e torvelinho
no solo sedente e liso
e vou varando o caminho
do lado vesgo e avesso,
no vão grosso e grotesco
da aldeia imaculada.
No endereço do nada,
de fora por dentro embora,
das quatro linhas traçadas
da cidadela caiada.

E não vem esta modorra
do sal e sol da natureza
mas das ruas torturantes
dos confins da fortaleza,
onde casas se confinam
em meandros e vielas.

[6]

onde pés de cal crestados
se arrastam nos arrais,
pisando o limo das ostras
com as crostas tão espessas,
como não se viu jamais.

E outro calor que vem surdo,
borbulhante feito sangue,
transpira dos peitos nós,
fundindo num só destino
sorte, sina, desatino,

a matéria desta urbe,
numa argamassa de carne,
na acidez dos cajus.
No ventre lasso e crescido
de gravidez prematura
desta cidade futura,
que traz um germe e um gemido
na prenhez desta barriga
espremida e opilada.

Canção Do Coque

I

"Mundão de lama"
"Foco de Marginal"
O Coque não é nada disso.
Vá lá você pra ver
como no dia a dia
(corriqueiro ramerrão)
o Coque fica mais simples
e o marginal é teu irmão.

Como aquela vidinha
de melodrama e aperreio
é a coisa mais normal,
de cortar de meio a meio
a alma mais calma e pacata,
do homem mais forte e ordeiro
que tiver um coração.

Vá pra ver e verá
como, apesar de tudo
lá se chora e se ama,
se enche e se derrama
e se enfeita a casa de flor.
Vá pra ver e verá,
como o drama da vida
é passo a passo vivido.

[6]

onde pés de cal crestados
se arrastam nos arralais,
pisando o limo das ostras
com as crostas tão espessas,
como não se viu jamais.

E outro calor que vem surdo,
borbulhante feito sangue,
transpira dos peitos nós,
fundindo num só destino
sorte, sina, desatino,

a matéria desta urbe,
numa argamassa de carne,
na acidez dos cajus.
No ventre lasso e crescido
de gravidez prematura
desta cidade futura,
que traz um germe e um gemido
na prenhez desta barriga
espremida e opilada.

Canção Do Coque

I

"Mundão de lama"
"Foco de Marginal"
O Coque não é nada disso.
Vá lá você pra ver
como no dia a dia
(corriqueiro ramerrão)
o Coque fica mais simples
e o marginal é teu irmão.

Como aquela vidinha
de melodrama e aperreio
é a coisa mais normal,
de cortar de meio a meio
a alma mais calma e pacata,
do homem mais forte e ordeiro
que tiver um coração.

Vá pra ver e verá
como, apesar de tudo
lá se chora e se ama,
se enche e se derrama
e se enfeita a casa de flor.
Vá pra ver e verá,
como o drama da vida
é passo a passo vivido.

[8]

Seu doutor, esse chão,
eu fiz com minha mão.
Com lata de lixo,
com lama de bicho,
com mutirão.

Por isso,
no luxo do lixo,
vivo com satisfação.

Eu fiz foi na água
do braço do rio,
do rio-maré.

Eu fiz foi na água
de tábua e de mágua,
no mangue que é.

I I I

Doutor, e os meninos...
tanto corre,
como morre,
tanto caga,
come mija
no meio da rua.

E na noite do Coque,
de lua tristonha,
eu fumo maconha,
que é pra esquecer'

[9]

E morre na rua,
na noite sem lua
de faca e de fato
no beco que mato,
o bicho ruim,

Ai, de mim!
Que entro na fila
da lata de água,
que jogo de bila
no lodo da lama
e faço minha cama
de tábua bem alta,
pro mode a água
por baixo passar.
E que tenho fama
e deito na cama
pro tira matar.

I V

E esse menino,
tão "véi", pequenino.
Que perigo!
Bandido.
O Coque abrigo,
faz liga pra briga
de faca e de fome;
por dentro do beco,
ligeiro se some.

(10)

E' o nome, qual é?
E' Pedro, José,
Amaro do Côco,
João do Xangô

Pro frevo eu vou
morrer de cachaça,
de vida sem graça,
de tanto pular.

E frevo na festa,
na briga, na Liga...

Me chama
minha dama...

Nêga, neguinha,
puta, putinha,
do Coque,
que é minha.

Tão nova e usada,
neguinha abusada!...

Meu nêgo,
o apego
à terra do lixo,
ao mangue da lama,
ao rio-maré,
ao nosso barraco
de tábuas e de lata,
eu morro na luta,
não dou marcha-à-ré

(11)

Daqui vou a pé
com nosso menino
de corpo miúdo
barriga de verme;
pois fica vizinho
ao bairro grávido
de São José.

V

Sub-mundo, imuado,
vagabundo,
Coque escroque,
besta tarado,
ladrão safado,
maloqueiro,
maconheiro,
cachaceiro,
xangozeiro
e tudo quanto é "eiro".!

Não é assim também não,
seu delegado!
lá tem muita família. boa,
os clubes e as ligas
são tudo organizado.
Olhe aqui meus documentos!
O que eu não tenho é ordenado
pra dar de comer aos meninos.
Trabalho pra Pai Xangô

[12]

e isso aí o doutor
tem de arrespeltar.
Mas a verdade
eu digo ao senhor:
desempregado,
um pobre coitado,
é o que eu sou.

E não sou só eu não,
é todo mundo por lá.
De dez se tira um
com lugar pra trabalhar.
Os outros, desocupados,
só podem se viciar
na cachaça e no baralho,
no barulho e na fumaça.

Os pequenos comem terra,
os maiores puxam erva,
os outros, arma na noite,
não deixam de procurar,
pois comer só caranguejo
ninguém pode aguentar.

[13]

Na maré
na maresia,
(quer ainda que eu ria)
marisco eu vou pegar
por marisco eu vou cagar,
Não sei se viva dele,
ou ele de mim.
Mas tudo é coisa ruim!

De manhã a água vai,
tardezinha a água vem.
Vem lavar de merda e lama
a casa de seu ninguém.

E' porco, é menino,
é gato, cachorro,
tudo pulando
de paz e alegria
na lama da cheia.
Maré, maresia...
que percaria,
Virgem Maria!



CHEIA

Foi nas águas do Capibaribe,
que o meu Recife se viu afogar.
Foi nas ondas dessa correnteza,
que minha Veneza quase virou mar.

Credo cruz
uma cheia,
meia volta,
volta e meia.

Comecei tudo de novo
por três vez depois de cheia.
Ai meu Deus, pobre meu povo
numca vi coisa mais feia.

Foi passando de boca por boca.
minha gente a cheia já vem lá.
Mas compadre, que noticia louca
é difícil até de acreditar.

Trez vez treva,
credo cruz,
três vez vida,
três vez luz.

Na primeira foi minha cama
e um canário cantador.
Na segunda foi minha casa,
na terceira o meu amor.

(16)

Ô, menina, a coisa tá sem jeito,
já é tempo de se arribar.
O que foi feito já tá no mal feito,
é de doer, mas deixa isso pra lá.

Quem viu seca
e quem não viu
pela cheia
já sentiu.

Minha cama era amarela,
meu canário de valor,
minha casa era tão bela,
tão verdinho o meu amor.

Desgraça pouca é jogo de sorte,
pra quem já vive no que Deus dará,
enquanto há vida e não chega a morte,
a minha sorte eu volto a jogar.

Maria e sua Filha

Maria das Dores,
criada de cama,
do riso e da dor,
de poucos louvores,
de falada fama,
escrava do amor,

na vida largada,
sozinha no mndo
por seu ganha pão,
(mas carne marcada
carrega no fundo
mesmo coração.)

Por isso, Maria
sonhou ter um dia
alguém de bem seu
e entre as amigas
foi dia sem briga,
quando ela nasceu

Tão doce menina,
feliz pequenina
de tanta pureza!
Até parecia
não ser de Maria
aquela beleza.

Mas uma grã-fina
da filantropia
de grande pudor,

falou a Maria,
me dê a menina,
lhe faço um favor.

Me dê a sua filha,
senão ela trilha
o mesmo penar
de vício e pecado,
que ela ao seu lado
irá encontrar.

E triste Maria
olhou a bichinha,
no mundo, afinal,
era só o que tinha
e disse, ela é minha
no bem e no mal.

Se a vida me deu
alguem de bem meu,
alguma esperança,
criança tão beia,
eu tenho pra ela
a minha herança.

Lição dessa vida,
canção dessa lida,
fantoche de amor,
quem sabe ela entenda
a e sta. Maria,
que só quis um dia
brotar numa flor.

O Homem de Papel

Seu doutor me dê licença,
olhe aqui meus documentos.
Não veja só aparência
olhe bem por fora e dentro.
Sou um cidadão direito
sem rasura e sem defeito
de princípio e sentimento.

Pode ver bem o doutor,
que eu sou bom brasileiro
reservista e eleitor
bem sadio e muito ordeiro.
Com firma reconhecida,
tenho até folha corrida
tirada no Juazeiro.

Para provar que sou homem,
tenho certidão de idade.
E comprovar o meu nome,
carteira de identidade.
Se duvidar, o doutor,
traga ainda um fiador,
testemunhando a verdade.

Aprendi em quinze dias,
fazer minha assinatura,
pra encher papel de guia
e fazer boa figura.
Eu agora sou letrado,
sou até do eleitorado
no papel das escrituras.

(20)

Sou decente, o senhor veja,
casado pela moral,
no civil e na igreja,
com padre papel e tal.
Minha nêga hoje é senhora
e ninguem pode agora
se meter a falar mal.

Sou homem de peito forte
e dentadura sadia,
sem atestado de morte,
mas muita fotografia.
Em papel bem carimbado,
sou um cidadão honrado,
diz a radiografia.

Me custou tempo e dinheiro,
provar isto, seu doutor!
Mas virei de desordeiro
em homem trabalhador,
deixando tudo passado
em papel fino e timbrado,
pra mostrar o meu valor.

Se antes eu nada era,
agora sei que já sou,
que me valeu a espera
nas filas de corredor.
Tirei carteira de gente
e posso seguir em frente
sem assombro, sim senhor!

Despertador Matinal

Alô, alô,
aqui fala o programa
seu despertador popular.
Acorda, acorda,
levanta minha gente,
que o batente
não tá aí pra esperar.

Olha a hora, pessoal:
quatro e meia da manhã.
Oi, acorda meu amigo,
ôl, acorda minha irmã.

O relógio que a mim
quiseste presentear
logo veio tempo ruim
e eu tive que pendurar.

Mas não perca a condução
do suor e do sustento,
pois batente hoje em dia
leva muito mais cimento.

O teu peito estando fraco,
tome com toda presteza
um remédio bem barato,
elixir da fortaleza.

Mas esqueça a distração,
não cochile ou perca tempo
pois domingo é que é o dia
de dormir mais um momento.

Cantiga Matutina

A manhã era tão bela,
de cores tão avarentas.

Mas o moço só olhava
o muro de cal cinzenta.

Um passarinho bolia,
enquanto o galo cantava.

Mas o moço só ouvia
o apito que gritava.

E passaram vinte palmas,
todas batidas ao vento.

Mas o moço só contava
seus passos pelo cimento.

Já no ar se pressentia
a vida que despertava.

Mas o moço só sentia
o sono que perdurava.

(23)

E uma promessa de verde
se somou á madrugada.

Mas o moço só sonhava
com o fim d'outra jornada

A fábrica já apontava.
grande, desmesurada,
com sua riqueza de frente.

Mas o moço era somente
um dos que ela engole
pelo portão de entrada

Vazio

O silêncio se fez de pedra,
a distância se fez vazia,
o deserto se fez de gelo
e, nos olhos, ninguém se via.

Não era cedo nem tarde,
era um tempo indizível,
quando o silêncio se fez
com seu colar invisível,
entre as pessoas mais simples,
entre as pessoas mais prenhes.

Não era perto nem longe,
não era noite nem dia,
era um deserto sem rota,
numa distância vazia.

E caiu um véu de plástico,
com seu espectro de túmulo
e sua frieza de mármore,
entre os amigos mais próximos,
entre os mais necessitados.

Fez-se então a segura,
feito um grande fantasma,
com sua veste alvacentas.

(25)

Quando mais se pretendia,
quando mais se precisava
de uma fonte de verde,
de um estreito de água.

E eram as mesmas pessoas,
e eram tão parecidas.
E eram as mesmas palavras,
e eram as mesmas feridas.

Fizeram-se então em abraços,
que não se davam.
Deram-se então em abraços,
que não se apertavam.
E as palavras soaram
como falsa pedraria.

E, cada qual procurou
o seu caminho privado,
na solidão de si mesmos,
no vazio em que ficaram;
E, pensaram que já eram,
quando somente estavam.

Um rochedo então se fez,
calado, dentro das almas.
E restou um estrangeiro
na sua antiga morada,
entrincheirado na vala
da sua própria indiferença,
que era dele e dos demais.

E eram tão parecidos,
• eram tão por iguais!

CASTELO ENCANTADO

O Morro
do Castelo Encantado
fica lá do outro lado
das dunas da beira-mar.

Do alto,
se vê verde mar bravio,
se vê cais, vela e navio
e o farol a clarear.

Morada de pescador, ô,
fica de frente por mar, á,
esplando se voltou,
nunca cansa de esperar, ô iaia ô.

Descanso de pescador, ô,
cemitério a beira-mar, á,
o mistério está na cor
dos olhos de lemanjá, ô iaia ô.

(27)

À noite,
na areia branca e fina,
dizem brinca uma menina
num tapete de luar.

E ainda,
para quem gosta de vê-las,
as jangadas são estrelas
pelo céu a velejar.

Fortuna de pescador, ô
é ter sorte de pegar, á,
um peixe maior que a dor
dessa sina de pescar, ô iaia ô.

Cantiga de pescador, ô
é o marulho do mar, á,
é saudade que deixou
quando saiu pra pescar, ô iaia ô.

VISTA

Olhe essas casas,
tão apinhadas,
tão apertadas
no quarteirão.

Olhe essas ruas,
tão estreitinhas,
enfeitadinhas
de papelão.

Olhe esse bairro,
de chão de barro,
onde nem carro
sobe pra ver,

nesse recanto,
por todo canto,
pode um menino
novo, nascer.

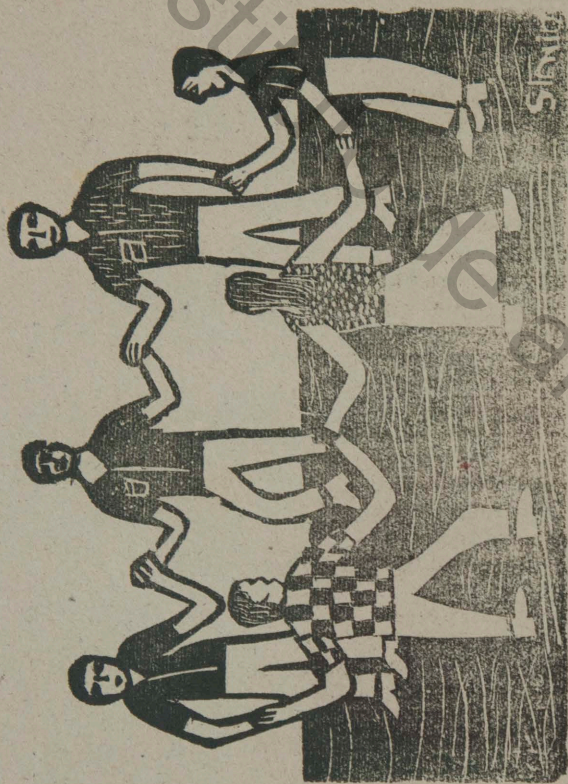
(29)

Além do bairro
olhe essa vista,
venha e assista
o sol se por.

Olhe as luzinhas
alumiando,
ela esperando
o seu amor.

Olhe os meninos
pelas calçadas
tão desoladas
do anoitecer.

Olhe esse céu
sem alegria,
onde outro dia
foi se esconder.



CIRANDEIRA

Oh, cirandeira
deixa entrar
nessa ciranda,
onde tanta gente dança
nessa noite de luar,
alguem que chora,
que precisa da alegria,
que precisa da magia
dessa roda a balançar.

Oh, cirandeira
abre essa roda,
que essa moda
eu também quero cantar.

Oh, cirandeira
deixa entrar nesse partido,
que de todo mundo uaido
faz a gente consolar,
alguem que chora,
que só vive tão sozinho,
que precisa do carinho
da tua mão a segurar.

(32)

Oh, cirandeira
abre essa roda,
que essa moda
eu também quero cantar

Oh, cirandeira
hoje a noite está tão linda,
mas tem tanta gente ainda,
que precisa de dançar,
que também chora
e, por causa disso, anda,
abre mais essa ciranda
para todo mundo entrar.

Oh, cirandeira
abre essa roda,
que essa moda
eu também quero cantar.

— F I M —

Este Livro foi composto e impresso na Literatura de Cordel José Bernardo da Silva. rua Sta. Luzia, 263 — Juazeiro do Norte-Ce.

1.ª Edição — Jan. 76

Edição Urubu



19506